

Do movimento circense aos programas humorísticos: nanismo e o capacitismo recreativo em Os Trapalhões¹

Deborah Amanda de Oliveira. LEITE²

Mayara Moreira. MELO³

Dario Brito ROCHA JUNIOR⁴

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Partindo do pressuposto da falta e/ou parcial representatividade de pessoas com deficiência (PCDs) na TV, esse artigo tem como objetivo entender como o programa “Os Trapalhões” fortaleceu uma visão capacitista sobre o tema. Assim, justifica-se a investigação, pois é fundamental compreender o capacitismo na mídia e refletir sobre ele. A pesquisa busca referência na teoria da Análise do Discurso e Semiótica (PEIRCE, 2010; GREIMAS, 1984) para análise da linguagem, e Teoria Crítica Racial (CAMPBELL, 2008) para analisar o capacitismo estrutural. Para isso, selecionamos e observamos os episódios violadores e, por meio das análises, identificamos a origem desse discurso. Dessa forma, constatamos resultados que contribuem para o combate ao capacitismo na mídia, o que permite concluir que os veículos violam a dignidade das PCDs em especial com nanismo.

PALAVRAS-CHAVE: Nanismo; Capacitismo; Os Trapalhões; Análise do Discurso; Teoria Crítica Racial

1. INTRODUÇÃO

Este artigo, elaborado inicialmente para a disciplina de Práticas de Pesquisa em Jornalismo – do Bacharelado em Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) no semestre 2022.1 - corresponde ao estudo do programa Os Trapalhões. O principal objetivo é entender a maneira como o seriado disseminou e fortaleceu uma visão capacitista por meio do humor a partir do mapeamento dos episódios, análise dos elementos do discurso verbal e não verbal e da identificação dos aspectos violadores referentes às pessoas com deficiência (PCDs), em um período de tempo situado entre os anos de 1977 e 1990, que correspondem às seis temporadas presentes na plataforma do Globoplay, da Rede Globo.

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), e-mail: deborah.2019205399@unicap.br

³ Estudante de Graduação 6º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), e-mail: mayara.2019202252@unicap.br

⁴ Prof. Dr. do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e orientador deste trabalho, e-mail: dario.brito@unicap.br

O problema central desta pesquisa é a sistematização do capacitismo recreativo presente em Os Trapalhões através de estereótipos, estigmas, arquétipos e discursos precisamente violadores com pessoas com nanismo. A partir disso, utilizamos da Semiótica e da Análise do Discurso para compreender a repetição do capacitismo estrutural e de uma realidade parcialmente representada presentes no programa, e de que forma eles refletiram no imaginário social.

Glat (1995) *apud* Lacerda (2017) ressalta que quanto mais distorcida a representação da identidade de um sujeito, como a aparição de uma parcela da sua existência real, menores são as chances de uma inclusão efetiva. Dessa forma, programas como esses, assim como os meios de comunicação (MCM) de um modo geral, ao trazerem essa não representação de forma plena contribuem para uma percepção limitada e nociva.

É comum as produções da indústria de massa oferecerem papéis como de seres místicos, bobos da corte ou animadores de festas sendo o nanismo tratado como um objeto de espetáculo, ou apenas como personagens secundários e meramente ilustrativos no enredo de modo estereotipado. Em ambos os casos, há um afastamento dos personagens de qualquer traço de individualismo e humanidade, em que os sujeitos possuem quase nenhuma fala, deixam de ser sujeitos, e passam a ser objetos da história.

Essa ideiação vem do conceito do corpo padrão funcional perfeito (CAMPBELL, 2008), fundamentação que tem origem em conceitos biomédicos, em que tudo que diferente dele é compreendido como algo estrangeiro e inferior. No caso da pessoa com nanismo, apenas a partir do Decreto n 5,296 de 2004 que ela passou a ser incluída no grupo de pessoas com deficiência física. Além disso, seus obstáculos estão ligados para muito além das dificuldades de acessibilidade ou condição clínica, pois em sua maioria, o nanismo não deixa o corpo incapacitado, mas se difere através da forma como durante toda a história as pessoas com essa deficiência tiveram sua existência moldada pela aparência do seu corpo (ABLON, 1990; ADELSON, 2005; KRUSE, 2003 *apud* LIMA, 2019).

Portanto, a pesquisa se debruça a partir da necessidade de estudar o capacitismo recreativo, temática pouco explorada no meio acadêmico, principalmente em programas dos veículos de comunicação de massa, nesse caso Os Trapalhões da Rede Globo, e como a falta de repertórios sociais mais representativos e próximos da realidade das pessoas com nanismo afetam suas vivências e a percepção social para com eles. Assim, compreendemos

a importância de desconstruir narrativas capacitistas estruturadas na sociedade e incentivar representações plurais em diversos contextos e histórias.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A Semiótica é o estudo dos signos, ou seja, tudo que representa algum significado para o ser humano, incluindo também a linguagem verbal e não verbal. Em outras palavras, ela busca entender como as pessoas conseguem interpretar as coisas ao seu redor. Com isso, a Semiótica pode ser usada em quase tudo. Na comunicação, ela se relaciona tanto na sua forma verbal, como não verbal, sendo essencial para o entendimento entre as pessoas de variados grupos.

Ao que se trata do desenvolvimento deste artigo, a Semiótica se aplica na forma como os programas humorísticos representam a imagem de PCDs, em especial com nanismo, ao longo dos anos. Seja de forma verbal, através de piadas, ou não verbal, através de gestos e/ou atitudes, tais programas perpetuaram um estereótipo para com esse grupo, influenciando a forma como os indivíduos os enxergam socialmente e atribuindo a eles significados, nesse caso, negativos.

Já ao tratar dos pensamentos de Siqueira (2006) *apud* Albuquerque (2008), entende-se o corpo como modo de suporte de identidades ao mesmo tempo em que também é matriz de significados e “portador de signos”. Em que não existe corpo neutro, pois todo corpo é moldado por valores culturais e estéticos. Assim, ele é um rico fórum para debate, uma vez que diferentes grupos sociais e sociedades o pensam de modos distintos. A ideia de que a realidade que aparece na tela nunca é neutra, mas sempre o signo de algo mais, é defendida por Martin (1990) *apud* Albuquerque (2008). Sendo toda imagem simbólica, a generalização acontece na consciência do espectador, “a quem as ideias são sugeridas com uma força singular e uma inequívoca precisão pelo choque das imagens entre si: o que o autor nomeia de montagem ideológica.” (MARTIN, 1990 *apud* ALBUQUERQUE, p. 17).

Os MCM têm como função informar, educar e entreter, assim contribuindo para os processos de produção e construção, de reprodução, reconstrução e de representação social da realidade e da cultura, assumindo papel de medidor social, ajudando a ditar a forma como a sociedade enxerga determinadas categorias sociais. De acordo com Torres (2017), ao longo das décadas as pessoas com deficiência (PCDs) costumam ser representadas na mídia com

uma carga negativa, na maioria das vezes retratadas em contextos de ameaça e suspense. Nesse sentido, complementa Albuquerque (2008):

(...) muitos dos estereótipos que existem hoje em dia sobre pessoas com deficiência são o resultado de anos de representações negativas feitas pelos diretores de cinema e que foram, em consequência, copiadas pelo restante dos meios de comunicação de massa. (p. 18).

Assim, as representações surgem de uma consciência coletiva advinda do contexto social como a influência do cinema, [Norden (1994) *apud* Albuquerque (2008)], do *freak show/show* de horrores, das fundamentações biomédicas de idealização corporal/funcional perfeito (CAMPBELL, 2008), dos princípios que regem aqueles que dirigem os veículos de comunicação de massa, ao lucrar com a recreação desse tipo de violência. Dessa forma, esses veículos agem como potencializadores de violências sistemáticas, como o capacitismo e o racismo.

No artigo *Exploring internalized ableism using critical race theory* a autora Fiona Campbell (2008) analisa o capacitismo internalizado na sociedade por meio da Teoria Crítica Racial (CRT, na sigla em inglês) que, assim como o racismo, ocorre mediante um processo de subjetivação e identificação. Bem como a dualidade entre deficiência e capacidade/capacitismo (*ableism*), sendo este último a ideia de um corpo padrão funcional perfeito, e tudo diferente dele é entendido como subalterno.

Harlan Hahn (1986) *apud* Campbell (2008) compreende que há uma estreita ligação entre as atitudes do paternalismo, a subordinação das pessoas com deficiência e os interesses do capacitismo. Desse modo, as pessoas “capazes” agem como protetoras, guias, modelos e intermediárias que se localizam explicitamente na genealogia do conhecimento.

Capacitismo é a ideia de discriminação em favor das pessoas fisicamente aptas, incluindo a ideia de que as habilidades ou características das pessoas são determinadas pela deficiência, e como grupo são inferiores às pessoas sem deficiência (CAMPBELL, 2008, p.5)

Além disso, a internalização e naturalização do capacitismo faz com que pessoas com deficiência, assim como as racialmente oprimidas, abram mão de sua identidade para se aproximar dos grupos mais exaltados socialmente, causando não apenas sofrimento, mas impacto na saúde mental. Dessa forma, a internalização dessa opressão se utiliza de duas estratégias: o distanciamento das pessoas com deficiência uma das outras e competição de PCDs por normas capacitistas.

Carla Vendramin (2019), no artigo *Repensando Mitos Contemporâneos: o capacitismo*, destaca que o capacitismo, alojado em estigmas entranhados na sociedade, é

uma leitura que se faz a respeito de PCDs, assumindo que a condição do corpo delas é algo que as define como menos capazes. Esta condição construída pelo capacitismo e reproduzida pelo senso comum, é naturalizada corriqueiramente no dia a dia e nas aspirações sociais que norteiam, inclusive, questionamentos que podem enveredar diretrizes sobre direitos humanos relacionados a essas pessoas.

Muitas vezes o capacitismo está presente em situações sutis e subliminares, acionado pela repetição de um senso comum que imediatamente liga a imagem da pessoa com deficiência a alguma das variações dos estigmas construídos socialmente, aos quais se está habituado e, por isso, tendem a não serem percebidos e questionados (VENDRAMIN 2019, p.18)

Por fim, a autora também enfatiza que, ao contrário da percepção de preconceitos existentes com relação a outros grupos socialmente minoritários como os LGBTQIA+ e pessoas pretas, o termo “capacitismo”, diferentemente dos termos “racismo” e “homofobia”, ainda se encontra num abismo de desconhecimento, inviabilizando a apropriação de toda pessoa humana para lidar com as PCDs.

3. METODOLOGIA

Segundo Renata Rosa (2004), os programas televisivos de humor até os anos 80 tinham, de forma geral, como principal característica esquetes com personagens caricatos. Tais papéis representavam de maneira bem limitada as minorias sociais. Estes programas possuíam um grande número de audiência e eram representativos da sociedade da época, pois espelhavam a mentalidade hegemônica sobre o que era considerado risível.

A fim de desenvolver a *(I) Pesquisa Bibliográfica*, analisamos que “os personagens com deficiência eram muitas vezes reduzidos aos sentimentos de pena, medo, desdém e isolamento, em suma eram objetos de espetáculo.” (ALBUQUERQUE, 2008, p. 18). Para os fins da investigação, desenvolvemos também análises desta realidade dialogada com a autora Campbell (2008) a respeito da Teoria Crítica Racial a fim de identificar o capacitismo estrutural e recreativo na mídia. Em seguida, utilizamos da autora Rosa (2004) para entendermos como a afirmação contínua de representações ganha um status de verdade, transformando as piadas em um veículo de performatividade de linguagem e exclusão social.

O trabalho, situado conceitualmente no campo da comunicação, também faz uso de outros métodos e técnicas, como a *(II) Análise de Imagem*, que para Iluska Coutinho (2005) se refere a toda e qualquer visualização gerada pelo ser humano, seja ela em forma de objeto, de obra de arte, registro foto-mecânico, construção pictórica, ou até de pensamento (p. 330).

Para a autora, a fotografia representa um recorte da sociedade ou de um fato, e por isso, presume várias escolhas realizadas quando entra em ação a tesoura do fotógrafo. Desse modo, a concepção da fotografia como uma forma de construção de realidade se sujeita a interpretações subjetivas tanto por parte do produtor quanto do receptor (p. 332). Fizemos uma adaptação do método para utilização de imagens em movimento, procedendo com a análise corporal e visual dos episódios, examinando elementos como trejeitos e cenários. Além disso, observamos também a caracterização dos personagens, principalmente os figurinos, que são componentes que enfatizam o discurso capacitista.

Já a (III) *Análise de Conteúdo*, segundo Lozano (1994) *apud* Corrêa (2005) “permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, podem chegar às mesmas conclusões.” (p. 286). Dessa maneira, uma das técnicas utilizadas é (IV) *Análise do Discurso*, pois ela é determinada pelas condições de produção e também por um sistema linguístico, assim por meio análise da superfície semântica e sintática deste discurso é possível descobrir a estrutura organizadora ou processo de produção, (CORRÊA, p. 303). Por fim, Manhães (2005) define a Análise do Discurso como “A desconstrução do texto em discursos, ou seja, em vozes. A técnica consiste em desmontar para perceber como foi montado.” (p. 306).

Nosso *corpus* se baseia na análise dos episódios de "Os Trapalhões" da Rede Globo. Foram analisados seis episódios que estão disponíveis no portal do Globoplay, e separados igualmente em três blocos temáticos. O critério de seleção se fundamentou na linguagem verbal para analisar os termos capacitistas e a não verbal para analisarmos a linguagem corporal, a caracterização do personagem para entendermos se elementos como os figurinos contribuem com os estereótipos que limitam as pessoas com deficiência e de que forma isso acontece. Por fim, faremos o uso da função do roteiro para observar quais papéis as pessoas com deficiência assumem ao longo do episódio e se essas funções reforçam ideias capacitistas.

A hipótese inicial (o fortalecimento do capacitismo estrutural e recreativo através de “Os Trapalhões”) foi investigada considerando que as violências para com pessoas com deficiência vêm sendo reproduzidas ao longo da história através do humor, como um de seus ápices iniciais o bobo da corte na Idade Média na Europa e posteriormente com os *freak shows* (show de horrores) no século XIX até chegar aos programas humorísticos da atualidade.

A pesquisa presta serviço aos veículos de comunicação, não apenas aos seus programas humorísticos mas também aos demais conteúdos da sua grade, visto que o capacitismo está presente não apenas no humor, mas também de modo estrutural em todos os campos da sociedade. Além disso, contribui para uma autorreflexão, além de aprimorar a noção crítica do público consumidor, com o propósito de minimizar o capacitismo em todas suas facetas.

4. ANÁLISE

Partindo do princípio de que uma obra audiovisual pode difundir, internalizar e manter estereótipos e preconceitos no seio social (FIALHO, MESQUITA, QUIRINO, 2020), que é, inclusive, o fio condutor desta pesquisa, foi realizada a análise de conteúdo de seis episódios de Os Trapalhões, a fim de identificar e correlacionar os exemplos do capacitismo recreativo presentes no programa, que apesar de disseminar toda uma narrativa preconceituosa, fez grande sucesso entre o público na época. A partir da perspectiva que esta análise possibilita, dividida entre três subtemas: infantilização, virilidade/sexualidade e figurino, que dialogam com a ideia central da pesquisa, podemos considerar a influência da série no repertório de atitudes discriminatórias que são corriqueiramente reproduzidas pela sociedade no dia a dia quando se diz respeito às pessoas com nanismo.

4.1 Infantilização

Ver e tratar pessoas com nanismo como se fossem crianças é mais uma leitura que podemos fazer com relação à prática do capacitismo a partir de uma condição corporal lida como inferiorizada, construída, principalmente, na exibição de espetáculos em circos e na reprodução deste estereótipo em programas televisivos, colocando essas pessoas para interpretar crianças.

Podemos considerar que partes de dois episódios (11º episódio da primeira temporada e 10º episódio da segunda temporada) da série Os Trapalhões, disponível na plataforma Globoplay, como dois exemplos de infantilização do capacitismo na TV e sobre sua reprodução na sociedade, quando automaticamente associa o humor infantil às pessoas com nanismo. Isto acontece em trecho (10:20 até 10:25) do 11º episódio, da primeira temporada do programa, quando o enredo se materializa num cenário que é montado para ilustrar um navio em que os trapalhões precisam remar para conduzi-lo. A cena se configura na

infantilização capacitista quando os personagens largam os remos para dançar e um deles coloca uma pessoa com nanismo no braço (figura 1) para deixar a dança “mais engraçada”.

Fig: 1



Fonte: Globoplay

Fig: 2



Fonte: Globoplay

Já no trecho (18:40 até 19:05) do 10º episódio, da segunda temporada, também é perceptível a presença de informações que fazem jus a este tipo de narrativa. A cena é gravada num cenário que nos mostra os personagens Didi (Renato Aragão), Dedé (Marfried Sant’Anna), Zacarias (Mauro Faccio Gonçalves) e Mussum (Antônio Carlos Bernardes), interpretando quatro Super-Heróis que se unem para resgatar o sequestrado presidente da república. Eles atacam um imóvel onde uma quadrilha armada mantém o presidente em sequestro. O roteiro segue com um grito que sai de dentro do imóvel: “Não atirem! Eu me rendo”.

Era um dos integrantes da quadrilha dando fim ao sequestro. Em seguida, os trapalhões dizem: “Mão na cabeça!”. É neste momento que vemos a construção capacitista no episódio: a quadrilha é formada por sete homens com nanismo, que saem do imóvel com as mãos na cabeça (figura 2), ao som da música “Branca de Neve e Os Sete Anões - Eu Vou - Disney”. Nesta hora, curiosos e um repórter (que está ao vivo) começam a aparecer no local. “São sete anões! Por que vocês sequestraram o presidente?”, pergunta o repórter a um dos homens da quadrilha. “A gente queria aumento”, responde o criminoso. “Aumento de quê, de salário?”, pergunta o repórter. “Aumento de altura”, responde o homem. A cena continua até o final com as sete pessoas com nanismo no centro do cenário, como “bobos da corte”, com as mãos na cabeça, enquanto os trapalhões pedem recompensa ao presidente pelo resgate. A partir dos elementos encontrados nesta cena, as informações configuram-se como um humor construído a partir da infantilização das pessoas com nanismo, que são vinculadas a uma ideia de pessoas engraçadas e divertidas (MOURA, 2015), delimitando toda uma amplitude humana.

Esta narrativa capacitista predomina em situações não perceptíveis pelo senso comum (VENDRAMIN, 2019), que sutilmente normalizou a infantilização destas pessoas por causa da estatura de seus corpos. Portanto, podemos considerar que esta condição é provocada na construção de narrativas que fazem associações preconceituosas e discriminatórias contra a pessoa com nanismo, que tem sua plenitude humana reduzida a uma deficiência e a uma realidade parcialmente representada no programa Os Trapalhões.

4.2 Virilidade e sexualidade

No nono episódio da primeira temporada do seriado "Os Trapalhões" presente no Globoplay, apesar de possuir 47min53seg de duração, apenas uma PCD aparece ao longo do conteúdo e somente em uma esquete, com uma participação total de 1min50seg.

Já na primeira cena, o ator que possui nanismo é recebido ao som de aplausos e risadas da plateia, sua masculinidade já é questionada nos segundos iniciais devido ao nome de seu personagem: Hércules Borboleta. Se cria daí uma divergência de sentidos, inicialmente por não associar a uma pessoa com nanismo a ideia de força e bravura vinculadas a imagem de Hércules, e Borboleta, ao associá-lo ao feminino como forma de diminuir e fragilizar, colocando em questão a virilidade/masculinidade do personagem.

Assim como sua altura é o principal alvo de piadas ao longo da esquete, por exemplo na minutagem 11min34seg na qual o personagem Didi, interpretado pelo ator Renato Aragão, violenta de forma verbal o ator PCD afirmando que o mesmo pode ficar preso em uma “goma de chiclete”. Também há violências não verbais, novamente o personagem interpretado por Renato Aragão de modo comportamental viola o ator com nanismo, ao pegar uma rede de pesca e prender o personagem na minutagem 10min54seg (figura 3).

Fig: 3



Fonte: Globoplay

Fig: 4



Fonte: Globoplay

A ideia de um corpo funcional perfeito que, segundo Campbell (2008), baseia o capacitismo sistemático, provém de fundamentações biológicas que descartam outros pontos

fundamentais como os contextos sociais que cercam a vivência de uma pessoa com deficiência. Dessa forma, enxergam um PCD apenas por uma perspectiva biomédica e levam a compreender a existência daquela pessoa somente como limitante e carente de cura do que seria uma vivência e biotipo ideal/perfeito. Ou seja, no episódio citado a identidade e a personalidade do personagem é restringida a sua deficiência, nesse caso, o nanismo.

Já no episódio 32 da segunda temporada, a primeira esquete começa com Didi e Dedé competindo para saber qual dos dois é mais bonito e másculo. Na trama o personagem Dedé assume o papel de galã, que sempre se dá bem, enquanto Didi é azarado e atrapalhado. Essa narrativa se exemplifica quando eles decidem enfrentar individualmente outro homem para provar sua valentia e virilidade: Didi tem o azar de precisar brigar com um homem alto e musculoso, porém Dedé enfrenta um homem com nanismo.

Na primeira cena em que o personagem PCD aparece, Didi se assusta (07min31seg) e em seguida, na minutagem 07min55seg, Dedé afirma de forma irônica que o rapaz é perigoso. No desfecho, Dedé age como valentão e amedrontador, o ator com nanismo assume um papel de indefeso e vulnerável, ele se ajoelha por medo e é levantado por Dedé (figura 4). O personagem age como desengonçado e bobo e toda a cena é acompanhada pela risada da plateia.

Nota-se que há transmissão da ideia de que é mais fácil enfrentar uma pessoa com nanismo, pois existe uma interpretação de que ele é desprovido de virilidade e de bravura, e, além disso, o personagem não possui nome, fala e possui um tempo total de tela de apenas 1min16seg. Dessa forma, o personagem é reduzido a sua deficiência, e apesar de ser um homem cis sua masculinidade é negada, a ponto de ser vista como algo cômico.

A sexualidade de homens com deficiência desafia discursos normativos, já que a sexualidade masculina é tradicionalmente entendida como uma experiência dominante, falo-centrada (SHAKESPEARE, 1999). Um homem com deficiência fazendo sexo é inconsistente com o discurso da virilidade masculina (HAHN, 1994). (SCHAAF, 2011, p. 9.)

Além disso, mais uma vez o personagem com nanismo está presente de maneira secundária, sem falas ou uma história, o que ocorre com outros personagens da esquete, mas que é uma repetição para os personagens com deficiência ao longo do seriado. Essa roteirização afasta esses personagens de qualquer traço de individualidade e humanidade. Para Martin (1990) apud Albuquerque (2008), entende-se que a realidade apresentada na tela nunca é neutra, pois toda imagem é simbólica, as ideias passadas são sugeridas de forma única para o espectador, o que naturaliza ainda mais os conceitos capacitistas na sociedade.

4.3 Figurino

No 17º episódio da terceira temporada, a partir do minuto 32min15seg, começa a esquete do personagem Ananias. Interpretado por Didi, sem deficiência, representa uma pessoa com nanismo. A cena se passa em um autódromo e Ananias está sendo entrevistado. A primeira piada já pode ser percebida assim que o entrevistador apresenta o personagem, o chamando de “grande e querido Ananias” para em seguida a câmera baixar e apresentar Didi, que estava ajoelhado para aparentar ter menor estatura.

Nesse episódio, apesar da existência de piadas relacionadas ao tamanho, como quando Ananias diz que começou a correr em “provas de autorama”, que são corridas com carrinhos de controle remoto, o capacitismo está mais presente na linguagem corporal em momentos onde o personagem fica dando pulos ou fazendo movimentos exagerados, causando o riso da platéia. O humor é principalmente relacionado ao *figurino*: a roupa do personagem, um macacão de corrida, foi feita para que Didi pudesse aparentar ter uma estatura mais baixa na posição que ele estava com sapatos costurados onde ficariam os joelhos. Além disso, na roupa encontravam-se várias frases fazendo relação ao tamanho do personagem e em dados momentos das cenas, a câmera focava nesses dizeres (figura 5). Dentre eles estavam bordados “porteiro de presépio”, “pescador de aquário”, “carcereiro de gaiola”, “ascensorista de formigueiro” e “noivinha de bolo”.

fig: 5



Fonte: Globoplay

fig: 6



Fonte: Globoplay

Assim como no 17º episódio da terceira temporada, o terceiro episódio da quarta temporada também tem o foco no figurino. A partir do minuto 17min32seg, começa uma esquete onde Didi trabalha como recepcionista de um hotel e está prestes a receber mais um hóspede. A hóspede em questão é a Branca de Neve, que chega acompanhada de três outros personagens com nanismo que representavam seus ‘anões’. Eles entram em cena saltitantes e

cantando, fazendo alusão aos personagens do conto. Os três estão vestidos com roupas características da história, chapéu e sapatos pontudos (figura 6). Durante toda a esquete, que dura aproximadamente 7 minutos, eles não possuem falas e estão ali mais como um complemento de cena e objeto de gozação, já que nos poucos momentos onde se é oferecido um maior destaque aos mesmos, eles estão protagonizando cenas caricatas como quando os personagens atacam Didi com machados ao pensar que ele era um invasor tentando machucar a princesa. Em outro momento, eles são alvos de piadas relacionadas ao seus tamanhos, como quando Didi os chama de “guarda-pé”, que seria uma versão de guarda-costa ou quando ele os dispensa mandando-os ir “fazer xixi e ir para cama”, numa explícita tentativa de infantilização.

Lima (2019) apresenta uma reflexão sobre o fato de não nos depararmos com frequência com pessoas com nanismo em nosso cotidiano e que a palavra “anão” é mais comum em mitos, lendas, fábulas, histórias conhecidas na infância, dentre outras coisas. Ela ainda faz uma menção à lembrança de uma pessoa com nanismo no imaginário social estar associada ao conto da “Branca de Neve e os Sete Anões”. Ao fazer um resgate histórico, o artigo também menciona que nos contos de fadas e nas literaturas existia uma ideia de que pessoas com esse tipo de deficiência teriam conexões com coisas não pertencentes ao plano terrestre e a não inserção delas em ocupações tradicionais à maior parte da população, contribuíram diretamente na perpetuação da ilusão de que as pessoas com nanismo formam uma comunidade feliz ou até mesmo um “povo”. Isso nos leva diretamente à falta ou pouca representatividade dessas pessoas na mídia, onde elas não conseguem se desassociar de personagens caricatos ou até mesmo místicos, como os presentes em “Os Trapalhões”, que se restringem a esquetes de pessoas com nanismo com personagens estereotipados, geralmente com expressões exageradas e figurinos lúdicos.

Logo, a partir desses aspectos pensados para representar a pessoa com nanismo no programa, se caracterizam como formas de construção e reprodução do capacitismo recreativo a ideia de associar a deficiência ao humor, com sons, textos e imagens que ainda residem no imaginário social, fazendo com que o “engraçado” seja espontâneo, como uma única imagem, ligado ao nanismo, anulando a totalidade da vida desses indivíduos em todas as esferas sociais. Portanto, Os Trapalhões, tendo em vista seu grau de popularidade e sucesso, contribuiu significativamente para o fortalecimento dessa visão capacitista.

5. CONCLUSÃO

É importante compreender também que Os Trapalhões era transmitido pela Rede Globo, um meios de comunicação de massa (MCM), que assim como outros tem como principal objetivo a lucratividade e é comandado por grupos hegemônicos, que exercem poderio político, intelectual e econômico na sociedade. Dessa forma, essa organização pressiona e influencia a maneira com que as pessoas com nanismo são vistas na sociedade e o modo como elas se enxergam quanto indivíduos, maneira essa comumente limitada a sua deficiência, distante de qualquer traço de humanidade e subjetividade.

Com base nisso, foi possível observar que Os Trapalhões reproduziram ao longo das temporadas diversos signos e símbolos pautados no imaginário social acerca do que enxergamos como normal e desejável. Ao que se refere ao corpo, Berselli e Isaacsson (2018) discorrem que nossos repertórios e vivências marcam diretamente os significados que atribuímos a ele. Assim, as representações e práticas que temos acesso no dia a dia moldam as opiniões sobre o que seja o corpo e dessa forma o sujeito ganha seu valor com base na aparência trazendo ideias limitantes e fortificando a ilusão do corpo perfeito que tudo executa com alta potencialidade. Dessa forma, ao representar as pessoas com nanismo como fracos, indefesos ou meros figurantes, Os Trapalhões reforçam ainda mais uma ideia já presente no cotidiano dos espectadores que consomem o conteúdo.

Soma-se isso com a grande escassez de conteúdos científicos acerca do tema, dificultando ainda mais o acesso a informações que possam contribuir com esse trabalho. Por isso, é importante salientar as pesquisas feitas por autores como Torres (2017), Campbell (2008) e Vendramin (2019), que, através de seus estudos sobre a vivência de PCDs trazem um olhar diferente para esse grupo social, possibilitam que se torne cada vez mais possível que os corpos com deficiência possam ocupar seus lugares de direito.

Dessa forma, esse trabalho ao fazer o uso da pesquisa bibliográfica, análise de imagem, do discurso e de conteúdo para entender a forma como Os Trapalhões violam os direitos e a dignidade da pessoa com nanismo pretende contribuir com a difusão de conhecimento e o reconhecimento dessa categoria não só nos MCM, mas em diversas áreas, favorecendo uma visão mais ampla e menos estigmatizada de suas identidades.

Por fim, é crucial situar e contextualizar esses personagens de forma diversificada. Respeitar a pluralidade de identidades presente na comunidade das pessoas com deficiência é essencial para o combate ao capacitismo em todas as esferas, tanto no campo subjetivo, na

construção da sua identidade, como no objetivo, na adoção de políticas públicas de saúde e educação.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marcio A. **A pessoa com deficiência e suas representações no cinema brasileiro**. 2008, 86 f. Dissertação. Mestrado em Comunicação Social - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, (UERJ), Rio de Janeiro, 2008.

BERSELLI, Marcia, ISAACSSON, Marta. **A presença de pessoas com deficiência na cena contemporânea desestabilizando construções sociais a respeito do corpo**. Repertório, Salvador, vol. x, n. 30, p. 365-387, 2018

CAMPBELL, Fiona. **Exploring internalized ableism using critical race theory**. Disability & Society, London, vol. 23, n.2, p. 151-162, Março, 2008.

COUTINHO, Iluska et al. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

EVERAERT-DESMEDT, Nicole. **Semiótica da Narrativa**. Londres: Almedina, 1984, (1.ed.)

FIALHO, Isabela, MESQUITA Paulo, QUIRINO, Kelly. **“Como eu era antes de você” sob a ótica do capacitismo e da análise crítica da narrativa**, Universidade de Brasília, 2020.

FONSECA JÚNIOR, Wilson C et al. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

LACERDA, Lucelmo. **Luz, Câmera, Estereótipo – Ação!** A representação do autismo nas séries de TV. Revista Espaço Acadêmico, São Paulo, vol. 17, n. 193, p. 13-22, junho, 2017.

LIMA, Michelle Pinto de. **Compreensão psicossocial de trabalho para pessoas com nanismo: Entre a estigmatização e o reconhecimento**. 2019. 166f. Tese. Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

MANHÃES, Eduardo et al. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

MOURA, Diego Luz. **Corrigindo o estigma através do espetáculo: o caso da equipe de futebol de anões**, Rev. Bras. Ciênc. Esporte [online]. Brasília, vol. 37, n.4, pp.341-347, 2015.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2010 (4.ed.)

ROSA, Renata. **Humor pós-moderno: no rastro do movimento multiculturalista**. Revista Contrapontos, Itajaí, vol. 4, n. 3, p. 579-588, set./dez, 2004.

SCHAAF, Marta. **Negociando Sexualidade na Convenção de Direitos das Pessoas com Deficiências**. Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo, vol. 8, n. 14, p. 7-25, junho, 2011.

TORRES, Ana Margarida S. **Representação das pessoas com deficiência e incapacidade nos media**. Lisboa, Instituto Politécnico do Porto, 2017.

VENDRAMIN, Carla. **Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo**. In: III Simpósio Internacional “Repensando Mitos Contemporâneos”, Campinas - SP, 2019, v. 1, n. 1, p. 16 - 25, agosto 2019.